

Internacionalização da Educação no Sul Global: Um diálogo com o Prof. Kleber Aparecido da Silva

Internationalization of Education in the Global South: A Dialogue with Prof. Kleber Aparecido da Silva

Kleber Aparecido da Silva  

kleberunicamp@yahoo.com.br

Universidade de Brasília – UnB

Samuel de Carvalho Lima  

samuel.lima@ifrn.edu.br

Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN

Resumo

Este texto é o resultado de uma entrevista feita pelo Assessor de Extensão e Relações Internacionais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Samuel de Carvalho Lima, com o pesquisador/professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília (UnB), Kleber Aparecido da Silva. Foram propostas, por e-mail, três perguntas ao Pesquisador/Professor, que versavam sobre as seguintes temáticas: (1) a relação entre Internacionalização da Educação no Sul Global, Educação Crítica e Translinguagem; (2) os desafios para o desenvolvimento da internacionalização de uma instituição de educação no Brasil; (3) os impactos resultantes da internacionalização de uma instituição de educação no Sul Global. As perguntas e respostas foram organizadas em seções nessa ordem, dando uma dimensão, a partir da perspectiva da Linguística Aplicada, de problematizações contemporâneas que nos ajudam a caminhar para a construção de uma identidade mais participativa do Brasil e do Sul Global no contexto internacional.

Palavras-chave

Internacionalização. Educação. Sul Global.

Abstract

This text is the result of an interview made by the Advisor of Extension and International Relations of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Rio Grande do Norte (IFRN), Samuel de Carvalho Lima, with the researcher/professor of the Post-Graduation Program in Linguistics of the University of Brasília (UnB), Kleber Aparecido da Silva. Three questions were proposed, by e-mail, to the Researcher/Professor. The questions dealt with the following themes: (1) the relationship between the internationalization of education in the Global South, critical education and translanguaging; (2) the challenges for the development of the internationalization of an educational institution in Brazil; (3) the impacts resulting from the internationalization of an educational institution in the Global South. The questions and answers were organized in sections in this order, giving a dimension, from the perspective of Applied Linguistics, of contemporary problematizations that help us move towards the construction of a more

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 25/05/2022

Aprovação do trabalho: 27/07/2022

Publicação do trabalho: 19/08/2022

 10.46230/2674-8266-14-8535

COMO CITAR

SILVA, Kleber Aparecido da. Internacionalização da Educação no Sul Global: Um diálogo com o Prof. Kleber Aparecido da Silva. [Entrevista concedida a] Samuel de Carvalho Lima. **Revista Linguagem em Foco**, v.14, n.1, 2022. p. 179-196. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/8535>.

Distribuído sob



Verificado com

Plagius
Detector de Plágio

participatory identity of Brazil and the Global South in the international context.

Keywords

Internationalization. Education. Global South.

Contextualização

Este texto é o resultado de uma entrevista feita pelo Assessor de Extensão e Relações Internacionais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Samuel de Carvalho Lima, com o pesquisador/professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, Kleber Aparecido da Silva, que também atua no Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e no Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Federal de Tocantins (UFT).

Na condição de Assessor de Relações Internacionais, Samuel de Carvalho Lima integra o Fórum de Assessores de Relações Internacionais (FORINTER) do Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (CONIF), representando o IFRN junto a mais 40 instituições da Rede. O FORINTER tem como objetivo assessorar a Câmara de Relações Internacionais do CONIF, a) viabilizando e implementando ações internacionais, b) dando visibilidade às ações das instituições da Rede no âmbito internacional, c) promovendo a cooperação e o intercâmbio internacional, d) estimulando a inserção internacional, e) promovendo atividades de relações internacionais, f) promovendo eventos para possibilitar o debate e o aperfeiçoamento da política internacional das instituições, g) promovendo a realização de cursos e oficinas para qualificação das equipes que integram o sistema de relações internacionais, h) debatendo e apresentando ideias, projetos, programas e ações que contribuam para o desenvolvimento das unidades responsáveis pelas relações internacionais das instituições, i) estabelecendo a interrelação com os demais fóruns do CONIF, j) trabalhando para a extensão do processo de internacionalização da Rede, k) divulgando diferentes práticas de políticas públicas da educação profissional, além de outras culturas e línguas.

Na condição de pesquisador/professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, do Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e do Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade

Federal de Tocantins (UFT), Kleber Aparecido tem refletido, entre outros temas, sobre os processos de internacionalização da educação e políticas linguísticas (FINARDI; MENDES; SILVA, 2022; ROSA; ARAÚJO; SILVA; SOARES, 2022; NUNES; SILVA, 2021a; NUNES; SILVA, 2021b).

A atuação profissional e o interesse acadêmico dos dois professores-pesquisadores possibilitaram uma aproximação que foi fortalecida com a participação de Kleber Aparecido no *COOPEREMOS: I Fórum de Internacionalização dos IFs do Nordeste*, com o tema *Entre Pontes e Fronteiras*. O evento teve o objetivo de traçar uma nova perspectiva para as ações de internacionalização entre os 11 Institutos Federais da região Nordeste do Brasil, realizado de forma remota de 20 a 24 de setembro de 2021. Em sua primeira edição, o *COOPEREMOS* contou com o Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) como sede anfitriã. Como convidado, Kleber Aparecido proferiu a palestra *Políticas de Internacionalização do Ensino Superior nos Institutos Federais: rotas, rumos, contornos e (novas) perspectivas decoloniais* (CANAL IFPE, 2021).

A partir desse contexto histórico, foi proposta, por e-mail, uma entrevista composta por três perguntas ao pesquisador/professor, a ser submetida à chamada de trabalhos para a *Revista Linguagem em Foco*, v. 14, n. 1, 2022, *Interfaces entre a Internacionalização da Educação no Sul global e a Educação Linguística*. As perguntas versavam sobre as seguintes temáticas: (1) a relação entre a Internacionalização da Educação no Sul Global e a Educação Crítica e/ou Práticas Translíngues; (2) os desafios para o desenvolvimento da internacionalização de uma instituição de educação no Brasil; (3) os impactos resultantes da internacionalização de uma instituição de educação no Sul Global. As perguntas e respostas foram organizadas em seções nessa ordem, dando uma dimensão, a partir da perspectiva da Linguística Aplicada, de problematizações contemporâneas que nos ajudam a caminhar para a construção de uma identidade mais participativa do Sul Global no contexto internacional.

2 Um diálogo

Nesta seção, perguntas e respostas da entrevista foram organizadas de modo a criar inteligibilidade sobre a Internacionalização da Educação no Sul Global.

Samuel de Carvalho Lima – A partir da sua perspectiva de estudos e pesquisas, como você relacionaria a Internacionalização da Educação no Sul Global

e a Educação Linguística e/ou Práticas Translíngues?

Kleber Aparecido da Silva – A partir dos estudos e pesquisas que tenho desenvolvido no bojo da Linguística Aplicada Crítica e Pedagogia Crítica, tanto no contexto brasileiro quanto no Sul Global, tenho observado a necessidade de (re)criarmos condições para que os

educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu”, ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu (FREIRE, 2011, p. 42).

As constantes transformações do mundo contemporâneo, influenciadas principalmente pelo desenvolvimento tecnológico digital, afetaram significativamente a maneira como os indivíduos interagem e se comunicam. A esse respeito, Moraes (2018, p. 98) explica que “por meio de cabos e fibras ópticas, a sociedade se conecta, expande-se e se globaliza em redes virtuais de relacionamentos em todas as esferas, possibilitando, especialmente, a globalização das atividades econômicas, antes restritas a operações de longo prazo”. O resultado desse fenômeno é a construção de uma comunidade global na qual circula um enorme fluxo de informações.

Nesse cenário, manifestam-se alguns desafios para importantes setores da sociedade, como é o caso da educação, que passa a ser vista como um âmbito no qual as demandas dessa dinamicidade de mudanças cada vez mais líquidas e constantes podem encontrar encaminhamentos. Um desses trata-se da internacionalização que tem sido adotada por instituições de ensino do Sul Global como uma estratégia possível.

Embora a internacionalização tenha se tornado ao longo dos anos um processo intencionado pelas referidas instituições, envolvendo as dimensões do ensino, da pesquisa, da extensão e da inovação, trata-se também de um movimento altamente motivado por aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos. Diante disso, compreendo a internacionalização da educação como um fenômeno complexo cujas práticas têm sido discutidas, a fim de que seus conceitos sejam apropriados, ressignificados e implementados de acordo com o perfil, a realidade de atuação e as necessidades de cada instituição (KNIGHT, 2008). Isso significa pensar a internacionalização no âmbito das estratégias de governança, pois

as metas de desenvolvimento institucionais contempladas em documentos oficiais, e que são executadas pelos seus atores institucionais, gestores e docentes, por exemplo, precisam ir ao encontro dos interesses e das necessidades mutáveis da sociedade.

No Brasil, o processo de internacionalização da educação foi evidenciado, a partir de 2011, pelo Programa Ciências sem Fronteiras (CsF), provocando aumento inesperado do número de demandas referentes à mobilidade acadêmica internacional. Conseqüentemente, o ensino e a aprendizagem de línguas adquiriram um papel relevante, uma vez que práticas sociais são nutridas pela linguagem e orientadas por uma lógica multissemiótica e multimodal (COPE; KALANTZIS, 2009, 2016; ROJO, 2012, 2013).

Apesar de ser importante para o indivíduo aprender a se comunicar por intermédio de diferentes línguas, argumento e defendo, a partir das contribuições dos estudos de translinguagem (LI, 2011, 2018; CANAGARAJAH, 2017), que apenas os elementos linguísticos por si não são os únicos disponíveis para a comunicação. Ao interagirem, os usuários de uma língua, seja essa materna ou estrangeira, também combinam e aplicam, de maneira situada no tempo e no espaço, recursos de natureza não-verbal (visuais, audíveis, gestuais e espaciais), a fim de construir sentidos.

Os elementos não-verbais podem ser acionados quando o falante não dispuser de um repertório linguístico amplo na língua em que se pretende comunicar, de modo a participar das práticas sociais. Observa-se, portanto, uma forte orientação da translinguagem para a justiça social (CHANG, 2019), pois, ao defender a comunicação como uma prática que transcende as línguas e as palavras, ela se torna inclusiva.

Considerando-se que devido à internacionalização da educação algumas instituições de ensino superior do Sul Global venham gradativamente se transformando em espaços multilíngues e multiculturais, tanto pela promoção do ensino de línguas estrangeiras/adicionais quanto pelo recebimento de estudantes e pesquisadores de outros países, entendemos que seja plausível pensar a translinguagem como uma perspectiva nesse processo.

Uma vez que a internacionalização da educação perpassa diversos setores institucionais e provoca reflexos em sua comunidade acadêmica, faço um recorte das suas implicações na formação de professores de línguas, atentando-me para a relevância de esses profissionais poderem ter acesso a uma educação crítica, que lhes oportunizem a (re)construção de sentidos.

A educação crítica, associada à translinguagem, pode estimular o profes-

sor de línguas a tomar consciência das suas experiências, crenças, ideologias e capacidade cognitiva, a fim de empreender uma educação linguística que favoreça a desconstrução de discursos hegemônicos e estimule a construção de identidades mais fluidas de aprendizes para atuar em contextos multiculturais.

Entendo aqui educação crítica como um conjunto de fatores socio-culturais que, durante toda a existência de um indivíduo, possibilitam-lhe adquirir, desenvolver e ampliar o conhecimento de/sobre sua língua materna, de/sobre outras línguas, sobre a linguagem de um modo mais geral e sobre todos os demais sistemas semióticos. Desses saberes, evidentemente, também fazem parte as crenças, superstições, representações, mitos e preconceitos que circulam na sociedade em torno da língua/linguagem e que compõem o que se poderia chamar de imaginário linguístico ou, sob outra ótica, de ideologia linguística (BAGNO; RANGEL, 2005, p. 63).

Ressalto que a translinguagem é tomada aqui nesta entrevista mais como uma filosofia, um ato político e ideológico, que convida os indivíduos a exercerem seu pensamento crítico. Isso posto, torna-se fundamental promover a superação do processo de internacionalização da educação baseado no monolinguismo e em mitos que compreendem tão somente a participação em programas de mobilidade acadêmica, apresentação de trabalhos científicos em eventos internacionais, convênios de cooperação, bem como a execução de projetos em parceria com pesquisadores de instituições de outros países. Internacionalização para mim é muito mais do que isso. Internacionalização de maneira holística, no sentido de que ela se torna um elemento que se faz fortemente presente no centro dos setores das instituições de ensino e principalmente nas pessoas que nela trabalham, o que viabiliza contribuir para o desenvolvimento da sociedade.

As reflexões que estou fazendo aqui emergiram do diálogo constante com pesquisadores/as, professores e alunos do Brasil e do Sul Global, alinhavadas na perspectiva da Linguística Aplicada Crítica (LAC), área na qual eu tenho desenvolvido pesquisas e estudos; e de que se interessa em discutir e fornecer encaminhamentos para questões de caráter prático concernentes à língua/linguagem e sua manifestação em diferentes contextos, por meio de um pensar problematizador. A perspectiva de LAC defendida pelo *Grupo de Estudos Críticos e Avançados em Linguagens*, sob a minha coordenação geral, coaduna com os postulados de Urzêda Freitas e Pessoa (2012), Pennycook (2001), Pennycook e Makoni (2019), os quais compreendem que a língua/linguagem é uma prática social capaz de transformar as relações sociais. Nesse bojo, estabeleço uma relação entre os construtos teóricos de internacionalização (DE WIT, 2013; DE WIT *et al.*,

2015; STALLIVIERI, 2021; CRACIUN, 2018) e translinguagem (CANAGARAJAH, 2013; ROCHA; MACIEL, 2015; LI, 2018; MILOZO, 2019), no sentido de conectá-los à formação crítica de professores de línguas (LIBERALI, 2010; PESSOA, 2015; PESSOA; SILVESTRE; MONTE-MÓR, 2018; PESSOA; SILVA; FREITAS, 2021).

Ao defender a internacionalização da educação na perspectiva da translinguagem, ressalto uma pedagogia crítica que procura incluir os professores de línguas nesse processo, sem privilegiar uma língua em detrimento de outra, mas sim congregando-as em um constante movimento de embates significativos de construção de sentidos e de reconhecimento das diferentes identidades sociais e culturais. Saliento a importância de os professores de línguas se reconhecerem como intelectuais comprometidos com os alunos e a sociedade (PESSOA, 2015), motivados por escolhas que promovam um diálogo sempre crítico entre o global e o local. Aliás, internacionalizar é pensar *glocal* e agir global, de forma crítica, agentiva e emancipatória.

Samuel de Carvalho Lima – De sul a norte, quais os principais desafios para o desenvolvimento da internacionalização de uma instituição de educação no Brasil?

Kleber Aparecido da Silva – Neste momento sócio-histórico, em que vivenciamos um desmonte das políticas educacionais-científicas, o que eu denomino como processo de Bolsonarização linguística-cultural, vejo inúmeros desafios para o desenvolvimento da internacionalização de uma instituição de educação no Brasil:

- Trata-se de um desafio reconhecermos por nossos fundamentos monolíngues e monoculturais;
- Trata-se de um desafio transitar confortavelmente entre os estágios da internacionalização do currículo a partir de realidades tão diferentes e com investimentos voltados para a internacionalização tão escassos.
- Trata-se de um desafio estabelecer e manter o processo institucional e sistematicamente de internacionalização pois o que temos no Brasil são políticas de governo, e poucas políticas de estados (como o PEC-G e o PEC-PG);

Contudo, acredito que esses desafios são transponíveis. Isso seria possível por meio do engajamento de todos os agentes que deveriam participar do

processo de internacionalização, ou seja, alunos, professores, gestores, diretores, dentre outros – política de internacionalização *bottom-up* e também nas políticas de internacionalização em casa. A partir do diálogo e da colaboração entre esses atores/atrizes protagonistas do processo, seria possível o (re)desenhar de uma política propositiva de internacionalização, que poderá:

- i) Gerar sujeitos de direitos, de aprendizagem e de conhecimento, sujeitos de vida plena;
- ii) ter compromisso com a inclusão cultural e social, uma melhor qualidade de vida no cotidiano, o respeito à diversidade, o avanço da sustentabilidade ambiental e da democracia e a consolidação do Estado de Direito;
- iii) exigir investimentos financeiros em curto/médio/longo prazo e o reconhecimento das diversidades culturais, sociais e políticas;
- iv) reconhecer e enfrentar as desigualdades sociais em educação, devidamente contextualizadas no conjunto das políticas sociais e econômicas do País;
- v) referenciar nas necessidades, nos contextos e nos desafios do desenvolvimento de uma região, de um país, de uma localidade;
- vi) estar indissociado da quantidade, da garantia do acesso ao direito à educação e à internacionalização;
- vii) aprimorar-se por meio da participação social e política, garantida por meio de uma institucionalidade, e de processos participativos e democráticos que independem da vontade política do gestor ou da gestora em exercício, o que eu denomino como políticas de estado para/na internacionalização.

Para tal intento, conforme pontua Luna (2022), precisamos (re)pensar criticamente o lugar das políticas linguísticas no processo de internacionalização, pois a política linguística da e para a internacionalização deve: i) assumir como princípio a relação íntima, valiosa e pluralística entre línguas e culturas; ii) desdobrar-se em planejamentos linguísticos; e as experiências de telecolaboração, em especial as de ensino e aprendizagem de línguas em tandem são exemplares da relação entre língua e cultura; iii) a internacionalização da educação básica beneficia-se de projetos de internacionalização da língua portuguesa e vice-versa.

Samuel de Carvalho Lima – Muito tem se comentado de positivo em relação à

internacionalização de uma instituição de educação. Que impactos positivos da internacionalização de uma instituição de educação no Sul Global você apontaria como mais relevantes? Você considera que a internacionalização de uma instituição de educação pode gerar impactos negativos? Em caso afirmativo, com o que devemos nos preocupar?

Kleber Aparecido da Silva – Segundo Stalavieri (2021), há algumas tendências que poderiam impactar a internacionalização da educação. São elas:

- i) Tecnologia: embora os benefícios da tecnologia no fornecimento de aprendizagem online ou digital tenham sido aplaudidos, é fundamental abordar os déficits no acesso equitativo à tecnologia no século 21. Expandir e melhorar o acesso por meio da tecnologia pode nos ajudar a trabalhar de forma criativa em todas as culturas para enfrentar os desafios coletivos da comunicação e educação.
- ii) Sul Global: relacionado aos efeitos do padrão de exploração existente no hemisfério sul, especificamente em relação à extração de recursos e seus consequentes efeitos em nossa existência interconectada.
- iii) Ciência e Inovação: a confiança na pesquisa científica e na inovação pode ajudar a melhorar a qualidade de vida humana. Para que isso aconteça, precisamos aumentar as colaborações *glocals*/globais, um esforço atualmente subutilizado. Não colaborar significa que o conhecimento não é compartilhado, esse é um impedimento que leva à má disseminação de informações valiosas. A colaboração *glocal*/global eficaz requer conjuntos de habilidades específicas, como resiliência, flexibilidade e criatividade.
- iv) (Tele)Colaboração: tempos de crise nos permitiram refletir sobre muitas questões que caracterizam nossa interrelação em um mundo interconectado. No futuro, precisamos aumentar a colaboração *glocal*/global para enfrentar os desafios que nos afetam coletivamente. A colaboração global nos permitirá ver os desafios de uma perspectiva global mais ampla, em oposição a uma perspectiva nacional estreita.
- v) Equidade e Igualdade: nossa coexistência no planeta exige que compartilhemos os recursos de maneira equitativa. Fazendo isso, caminharíamos em direção a uma maior igualdade. Precisamos trabalhar por maior igualdade no acesso à educação e aos processos de internacionalização. A mudança de nossas experiências atuais significa que mais

crianças aprenderão com suas famílias em vez de com os sistemas escolares, e devemos nos preparar para isso.

E para ilustrar os impactos resultantes das políticas linguísticas e a internacionalização de uma instituição de educação no Sul Global, apresentarei três teses de doutorado orientadas por mim (uma já defendida em 2018 e duas em processo de finalização/defesa), que têm como foco essa problematização, a partir de uma perspectiva crítica e/ou decolonial (PENNYCOOK; MAKONI, 2019).

A primeira tese intitula-se “*Deixa-me ir e vir*”, *canta o rouxinol: reminiscências docentes e política linguística de internacionalização para uma ciência sem fronteiras*, de autoria de Elkerlane Martins de Araújo, do Instituto Federal de Tocantins (IFT). Ciente do panorama que se desenha para a educação na contemporaneidade, advinda dos processos de recomposição social atuais, essa pesquisa é fruto de uma experiência na gestão institucional do Programa Ciência sem Fronteiras (CsF), e teve como ponto de ignescência os entraves linguísticos vivenciados pelos bolsistas do programa, relativos à falta de proficiência em língua inglesa. Mesmo o direito à mobilidade estando previsto na Constituição Federal Brasileira em seu artigo 5º, inciso XV, no que concerne às condições de inclusão nesse novo território de internacionalização da ciência, a linguagem revelou-se o principal mecanismo de cerceamento do direito de *ir e vir*.

A emergência do CsF é uma evidência de que os limites da mobilidade se alargaram semântica e geograficamente, tornando-se uma estratégia de trocas de conhecimento numa esfera global; o que, por outro lado, resultou em processos excludentes de toda ordem. No âmbito da educação, os mecanismos de exclusão foram legalizados por meio da eleição de áreas prioritárias que excluiu estudantes de outras áreas do conhecimento, dentre os quais, as licenciaturas do ensino de línguas. Ao final do programa, os resultados foram pouco satisfatórios em face do grande investimento empregado. A respeito disso, a mídia nacional atribuiu o insucesso do programa ao incipiente ensino de língua inglesa ofertado nas escolas brasileiras. Partindo do pressuposto de que o agir do professor de língua inglesa é uma das condições para a efetividade de uma política linguística de internacionalização da educação, esse trabalho ocupou-se de averiguar os interesses que fomentaram a exclusão do professor de língua inglesa no CsF, identificando quais os objetivos e os mecanismos utilizados para praticar a exclusão.

Sistematizando o percurso teórico, os temas desdobraram-se em internacionalização da educação, o papel do agir docente na atualidade e políticas linguísticas. A partir desse escopo, a autora conjecturou que conferir o direito à mo-

bilidade internacional aos professores de língua inglesa poderia ser um caminho proveitoso para estabelecer um ensino de língua inglesa de qualidade no Brasil, tanto na educação básica, quando inicia-se o ensino de língua inglesa, quanto na educação superior, assegurando aos alunos a proficiência e o conhecimento que lhes garanta o direito de *ir e vir* por meio dessa língua. Considerando-se as interfaces entre linguagem e sociedade, a pesquisa foi realizada no campo da Linguística Aplicada Crítica, fundada na abordagem qualitativa-interpretativa e nas categorias de análise da Abordagem do Ciclo de Políticas para investigar a política linguística de internacionalização do CsF atuando no contexto específico do Instituto Federal do Tocantins – campus Paraíso.

Ao final da pesquisa, os resultados reiteraram a exclusão sofrida pelo professor de língua inglesa, demonstrando que houve falta de equidade na distribuição das bolsas do programa, concentrando as bolsas de fomento nas metrópoles brasileiras, como também indicando como tais processos excludentes podem ser minimizados por meio de iniciativas institucionais de internacionalização que incluam os professores de língua inglesa como agentes locais das dimensões cultural, internacional e global no âmbito das IES.

A segunda tese intitula-se *O lugar fronteiro das políticas linguísticas para internacionalização da educação profissional: um estudo a partir das praxiologias decoloniais dos Institutos Federais*, de autoria de Renata Mourão Guimarães, do Instituto Federal de Brasília (IFB), e visa compreender e problematizar as políticas linguísticas para a internacionalização da educação (PLI) nos Institutos Federais (IFs) e sistematizar diretrizes para orientar a criação de PLI, considerando-se aspectos decoloniais, a partir das praxiologias elucidadas. Apoiando-se na Linguística Aplicada Crítica, de natureza decolonial, a autora discorre sobre a relação entre políticas linguísticas e internacionalização da educação, atentando para o lugar e o papel das línguas nesse processo, e de possíveis traços (de)coloniais presentes nas políticas linguísticas voltadas para a internacionalização nos/dos IFs, em âmbito nacional e local (IFB), entre 2008 e 2021. Além disso, busca-se apresentar dimensões dos desdobramentos praxiológicos que forneçam subsídios para a (re)construção de PLI decoloniais. Esse estudo é, portanto, exploratório-descritivo, orientado por aspectos intrínsecos à abordagem qualitativa-interpretativista, e propositivo de decolonialidade.

Nessa lógica, identificar traços da colonialidade/modernidade presentes nas PLI no/do aludido contexto e discutir futuros preferíveis (PENNYCOOK, 2001), alternativas mais justas e uma série de microrrupturas foram o grande desafio dessa tese. Para o seu desenvolvimento, a pesquisadora lançou mão da interpre-

tação de sentidos produzidos pelos agentes do contexto pesquisado (professores de língua adicional e assessor de internacionalização), provenientes de questionários/entrevistas online e sessão reflexiva; e na interpretação de documentos atinentes a esse contexto educacional, páginas institucionais, notícias, webinários etc. A perspectiva de se pensar a produção de sentido como o envolvimento de diferentes repertórios linguísticos, semióticos, afetivos, pessoais, sensoriais, espaciais, levou a autora a uma análise translíngua do material empírico.

Na translíngua, a linguagem é vista por um ponto de vista transgressor, ou seja, não se restringe às estruturas linguísticas. Ela abrange o cruzamento de modos, linguagens e contextos (CANAGARAJAH, 2017). Logo, a pesquisadora se vale de uma análise mais aberta, dinâmica e fluida dos dados. Como resultado inicial, pode-se perceber que: o papel da língua como ferramenta e instrumento para as ações de internacionalização é a interface entre políticas linguísticas e a internacionalização da educação; as políticas de internacionalização e as políticas linguísticas dos IFs se (con)fundem; as políticas linguísticas entre os IFs se aproximam, pouco se contrapõem; a maioria das políticas linguísticas (PLs) possui um viés descritivo, funcionalista e instrumentalista para o processo de internacionalização e se distanciam da proposta de formação humana integral; outras PLs refletem a natureza dos IFs e seu contexto de uma forma consistente com as necessidades, prioridades locais ou com as circunstâncias atuais; as PLs constituem base estruturante de uma política de internacionalização dessas instituições, logo, os IFs têm um PL de internacionalização mesmo que implícita; prevalece modelo *top-down* e reativo de PLs no contexto dos IFs; os documentos norteadores e as praxiologias dos atores são convergentes para o enfrentamento de práticas dominantes e hegemônicas, contudo, institucionalmente o debate é incipiente e tal perspectiva se encontra em patamares baixos.

Assim, essa investigação orienta-se pela discussão da seguinte tese: as políticas linguísticas para internacionalização dos IFs se apresentam de forma híbrida, associada a uma perspectiva crítica encapsulada no pensamento moderno/colonial/capitalista. Considera-se, que nesse hibridismo, há um entrelugar, que se fortalece nas fronteiras. As fronteiras se dão na medida em que há iniciativas de conhecimento e práticas situadas e localizadas, que se esforçam em abordar epistemes e práticas outras, ou pelo menos reagir às dominantes; à pluralidade de práticas, atores envolvidos e de sentidos por eles adotados; às praxiologias marcadas pela resistência e construída pelas insurgências ou brechas. Logo, as políticas linguísticas para a internacionalização precisam ser metadecoloniais na sua essência.

A terceira tese intitula-se *Formação continuada de professores de Inglês, Internacionalização e Políticas Linguísticas: uma pesquisa-ação colaborativo-crítica em um instituto federal*, de autoria de Lauro Sérgio Machado Pereira, do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG). O processo de internacionalização educacional (IE), entendido por Knight como a introdução de uma dimensão global, intercultural e internacional nos propósitos, nas funções e nos serviços oferecidos por instituições de ensino, não é uma prática nova. Entretanto, nas últimas décadas, a internacionalização educacional tem sofrido influência das demandas marcadamente econômicas da globalização, que enquadrou o conhecimento científico produzido por países centrais na lógica da geopolítica do conhecimento, polarizando os fluxos legitimados de produção de pesquisa em países ricos.

Por intermédio de ações de mobilidade acadêmica, as universidades dos países centrais passaram a comercializar serviços educacionais (cursos de idiomas, intercâmbios linguísticos e culturais, capacitações técnicas) com países periféricos, objetivando a obtenção de lucros. Nessa conjuntura, evidenciam-se as políticas linguísticas educacionais para a promoção da língua inglesa e dos testes de proficiência, bem como o papel do professor dessa língua. A partir dessa problematização, o autor compreende que a internacionalização pautada pela racionalidade da modernidade ocidental requer análise crítica. Uma pesquisa qualitativa se localiza no bojo da educação crítica de professores de línguas, pois considera-se que a crítica pode acionar a agência docente, em prol de alternativas sustentáveis, éticas, colaborativas e responsáveis de promoção de ações de IE e de PLE nas instituições de ensino.

Isso posto, objetiva-se nessa pesquisa investigar os movimentos de (trans) formação e de agência docentes em um grupo de professores de língua inglesa ao longo da implementação de uma proposta didática de formação continuada em internacionalização em educação e políticas linguístico-educacionais em um instituto federal na Região Sudeste do Brasil. Para tanto, considera-se as discussões críticas sobre educação linguística em língua inglesa, formação (continuada) de professores de línguas e internacionalização da educação. Essa proposta didática, de caráter intervencionista e orientada pela pesquisa-ação colaborativo-crítica, está sendo desenvolvida por encontros virtuais síncronos e atividades assíncronas, cujas trocas de experiências e reflexões críticas verbalizadas nas interações entre os professores participantes e o pesquisador comporão os materiais empíricos a serem analisados.

A geração de dados tem se dado por intermédio dos seguintes instru-

mentos: os documentos que orientam a formação continuada de professores, a internacionalização da educação e as políticas linguístico-educacionais com ênfase nas especificidades da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT), o questionário online inicial individual, as sessões de reflexão colaborativa virtuais síncronas, os diários e os artigos escritos pelos professores, e a entrevista individual semiestruturada. Espera-se com essa pesquisa compreender os processos de (trans)formação docente de professores de língua inglesa e o desenvolvimento de agência(as) desses profissionais em decorrência das experiências e das reflexões críticas realizadas ao longo da formação continuada em internacionalização a educação e políticas linguístico-educacionais.

3 Reflexões finais

Nesta seção, o entrevistado apresenta suas reflexões finais para dar acabamento à entrevista.

Kleber Aparecido da Silva – A pandemia global da COVID-19 nos levou a refletir sobre como aprendemos e como ensinamos. E a partir dos estudos e pesquisas que venho desenvolvendo na Universidade de Brasília (UnB) em diálogo e em colaboração com Instituições de Ensino Superior (IES) do Sul Global, percebo que ainda carecemos de maior diálogo, parcerias e projetos institucionais longitudinais, que envolvam os diferentes atores/atrizes neste processo – alunos, professores, coordenadores, gestores, dentre outros. Para tal intento, vislumbro a necessidade de: i) esboçar e de efetivar programas de educação para o futuro a partir da transformação social de alunos por meio da colaboração *glocal/global*; ii) avançar em direção a uma maior troca de informações, primeiro para expandir o conhecimento e, segundo, porque o acesso aberto à informação tem o potencial de ajudar a resolver os desafios de amanhã.

E algo que nos ajudará nesse sentido é a possibilidade de materializarmos iniciativas de internacionalização virtual, compreendida, como “(...) processo intencional de integração de uma dimensão internacional, intercultural ou global nos objetivos, funções e oferta do ensino pós-secundário, apoiado nas tecnologias de informação e comunicação” (STALAVIERI, 2021, n.p.) e que pode ser melhor compreendida na figura 1.

Figura 1 – Internacionalização Virtual

Fonte: Stallivieri (2021, n.p.).

E como em todo processo de internacionalização, há alguns desafios a serem superados e/ou transpostos: i) o distanciamento digital; ii) o distanciamento linguístico; e iii) distância intercultural.

Por isso, o que eu tenho defendido é uma internacionalização que seja para

... todos, para todas as crianças e adolescentes, jovens e adultos da educação básica. Trata-se de um processo de infusão, das perspectivas multiculturais dos saberes, ao ensinar e ao aprender de conteúdos curriculares formais e informais, apoiando-se em práticas de intercâmbios abrangentes e deshierarquizados. Trata-se, assim, de uma reformulação desejável e possível dos currículos dos cursos e das conseqüentes práticas de ensino e de avaliação na escola, no campus, domesticamente, visando à formação do cidadão e da cidadã global (LUNA, 2022).

Referências

BAGNO, M.; RANGEL, E. O. Tarefas da educação linguística no Brasil. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 5, n. 1, Belo Horizonte, 2005.

CANAGARAJAH, S. **Translingual practice**: global englishes and cosmopolitan relations. New York: Routledge, 2013.

CANAGARAJAH, S. **Translingual practices and neoliberal policies**: attitudes and strategies of African-skilled migrants in Anglophone work places. New York: Springer, 2017.

CANAL IFPE no Youtube. **1 Fórum de Internacionalização dos IFs do Nordeste** - 24/09/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qPcfuFxrIM4&list=PLSvdu8acsShcLxhIc1zeX-qa0ZrIfiYxyH&index=5&t=5078s>. Acesso em: 28 maio 2022.

CHANG, S. Y. Beyond the english box: constructing and communicating knowledge through translingual practices in the higher education classroom. **English teaching & learning**, v. 43, p. 23-40, 2019.

COPE, B.; KALANTZIS, M. Multiliteracies: New Literacies, New Learning, Pedagogies. **International Journal**, v. 4, n. 3, p. 164-195, 2009.

COPE, B.; KALANTZIS, M. Prefácio: Multiletramentos e mudanças social. In: JESUS, D. M.; CARBONIERI, D. (Org.). **Práticas de Multiletramentos e Letramento Crítico**: outros sentidos para a sala de aula de línguas. Campinas, SP: Pontes, 2016, p. 7-12.

CRACIUN, D. National Policies for Higher Education Internationalization: A Global Comparative Perspective. In: A. Curaj, L. Deca, R. Pricopie (Eds.). **European Higher Education Area: The Impact of Past and Future Policies**: Springer, p. 95-106, 2018.

DE WIT, H. et al. (Eds.), **Internationalisation of Higher Education. Brussels**: European Parliament, Directorate General for Internal Policies, 2015. Disponível em: [http://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/STUD/2015/540370/IPOL_STU\(2015\)5_40370_EN.pdf](http://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/STUD/2015/540370/IPOL_STU(2015)5_40370_EN.pdf). Acesso em: 17 nov. 2019.

DE WIT, H. Internationalisation of higher education, an introduction on the why, how and what. In: DE WIT, H. An Introduction to Higher Education Internationalisation. **Centre for Higher Education Internationalisation**, Università Cattolica Del Sacro Cuore, Milan, Italy, p. 13-46, 2013.

FINARDI, K. R.; MENDES, A. R. M; SILVA, K. A. Tensões e direções das internacionalizações no Brasil: entre competição e solidariedade. **Archivos Analíticos de Políticas Educativas/Education Policy Analysis Archives**, v. 30, p. 1-21, 2022. DOI: 10.14507/epaa.30.6823.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

KNIGHT, J. An internationalization model: meaning, rationales, approaches, and strategies. In: KNIGHT, J. **Higher education in turmoil**: the changing world of internationalization. Sense Publishers, Rotterdam/Taipei, p. 19-37, 2008.

LI, W. Moment analysis and translanguaging space: discursive construction of identities by multilingual Chinese youth in Britain. **Journal of Pragmatics**, n. 43, p. 1222-1235, 2011.

LI, W. Translanguaging as a practical theory of language. **Applied Linguistics**, v. 39, n. 1, p. 9-30, 2018.

LIBERALI, F. C. **Formação crítica de educadores**: questões fundamentais. Campinas: Pontes Editores, 2010.

LUNA, M. **Conferência no I Seminário de Internacionalização da Educação Básica**. Ministério da Educação: Brasília, 2022.

MILOZO, G. N. **Práticas translingües na comunicação de aprendizes de português como**

língua estrangeira. 2019. 142 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, São Paulo, 2019.

MORAES, E. M. A. **Deixa-me ir e vir, canta o rouxinol:** reminiscências docentes e política linguística de internacionalização para uma ciência sem fronteiras. 2018. 256 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, 2018.

NUNES, R. H.; SILVA, K. A. A internacionalização da língua portuguesa em tempos de crise do COVID-19: Educação e cenário globalizado. **Linguagem & Ensino (UCPEL. Impresso)**, v. 24, p. 153-174, 2021. DOI: [HTTPS://DOI.ORG/10.15210/RLE.V24I2.19266](https://doi.org/10.15210/rle.v24i2.19266).

NUNES, R. H.; SILVA, K. A. Políticas linguísticas e a Educação Profissional e Tecnológica: Língua Portuguesa e Educação Humanizadora. **Revista da Anpoll**, [s. l.], v. 52, n. 2, p. 157-177, 2021. DOI: 10.18309/ranpoll.v52i2.1561. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/articulo/view/1561>. Acesso em: 28 maio 2022.

PENNYCOOK, A. Lessons from colonial language policies. In: GONZÁLEZ, R. D. (Ed.). **Language ideologies: critical perspectives on the official English movement**, vol. 2: history, theory, and policy. Urbana, IL: National Council of Teachers of English; Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2001, p. 198-220.

PENNYCOOK, A.; MAKONI, S. **Innovations and Challenges in Applied Linguistics from the Global South.** Routledge: London and New York, 2019.

PESSOA, R. R. Conhecer como reconhecer: estudos na formação crítica de professoras/es de língua estrangeira. In: SILVA, K. A.; MASTRELA-DE-ANDRADE, M.; PEREIRA FILHO, C. A. (Org.). **A formação de professores de línguas: políticas, projetos e parcerias.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2015, p. 127-149.

PESSOA, R. R.; SILVESTRE, V. P. V.; MONTE MÓR, W. (Orgs.). **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil.** São Paulo: Pá de Palavras, 2018.

PESSOA, R.; SILVA, K. A.; FREITAS, C. C. **Praxiologias do Brasil Central sobre Educação Linguística Crítica.** São Paulo: Pá de Palavras, 2021.

ROCHA, C. H.; MACIEL, R. F. Ensino de língua estrangeira como prática translíngua: articulações com teorizações bakhtinianas. **D.E.L.T.A.**, v. 31, n. 2, p. 411-445, 2015.

ROJO, R. H. **Escol@ conectada:** os multiletramentos e as TICs. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

ROJO, R. H.; MOURA, E. (Org.). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROSA, T. A. B.; ARAUJO, M. C.; SILVA, K. A.; SOARES, V. A Língua Inglesa e a internacionalização do Ensino Superior: análise comparativa de duas instituições de países do BRICS. **Revista Letras Raras**, v. 11, p. 85, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v1i1.2184>

STALLIVIERI, L. **Internacionalização da Rede Federal:** Integração, Engajamento, Efetividade: Alinhando nossas ações para os novos cenários. Palestra no I Fórum de Internacionalização dos IFs do Nordeste, 2021.

URZÊDA FREITAS, M. T. de; PESSOA, R. R. Rupturas e continuidades na linguística aplicada crítica: uma abordagem historiográfica. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 10, n. 2, p. 225-238, maio/ago. 2012.

Sobre os participantes

Kleber Aparecido da Silva - Doutor em Estudos Linguísticos. Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade de Brasília (UnB); Brasília-DF. E-mail: kleberunicamp@yahoo.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5411877784984041>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-7815-7767>.

Samuel de Carvalho Lima - Doutor em Linguística. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino (Posensino) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN); Natal-RN. E-mail: samuel.lima@ifrn.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3773118523077604>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-7145-3686>.